

O QUE UM PSICÓLOGO SABE SOBRE OS ANIMAIS? Uma crítica fenomenológica sobre a produção científica acerca das Intervenções Assistidas por Animais

¿QUÉ SABE UN PSICÓLOGO SOBRE LOS ANIMALES? Una crítica fenomenológica a la producción científica sobre las Intervenciones Asistidas con Animales

WHAT DOES A PSYCHOLOGIST KNOW ABOUT ANIMALS? A phenomenological critique of the Animal-Assisted Intervention scientific literature

Felipe Fook Bastos*
felipe.fook.b@gmail.com

Jean Marlos Pinheiro Borba*
jean.marlos@ufma.br

*Universidade Federal do Maranhão, São Luís/MA, Brasil

Resumo

As intervenções Assistidas por Animais são um aglomerado de práticas interventivas, que contam com a participação de animais não-humanos, para propiciar algum benefício aos seres humanos. Nas últimas décadas, foram identificadas, por meio de inúmeras pesquisas publicizadas em artigos científicos, vários benefícios terapêuticos propiciados por esta prática. Diante disso, houve uma maior atenção da Psicologia sobre este tema. Este artigo propôs-se a avaliar, por meio do método fenomenológico e da crítica husserliana, se as pesquisas publicizadas por psicólogos sobre este tema evidenciavam alguma preocupação com o cuidado dos animais não-humanos. E, fundamentalmente, quais compreensões de bem-estar e de cuidado subsidiam os psicólogos na execução destas pesquisas. É portanto, um artigo de revisão bibliográfica, cuja preocupação central transita entre o campo da ética, ao indagar sobre como esses animais não-humanos tem sido cuidados; e epistemológica, uma vez que a crítica fenomenológica serviu para evidenciar certas compreensões naturalizadas de cuidado.

PALAVRAS CHAVE: Intervenções Assistidas por Animais. Fenomenologia. Cuidado. Ética. Revisão bibliográfica.

Resumen

Las intervenciones asistidas por animales son un grupo de prácticas de intervención que se basan en la participación de animales no humanos para buscar algún beneficio a los humanos. En las últimas décadas se han identificado varios beneficios terapéuticos que logrado con esta práctica a través de numerosos estudios publicados en artículos científicos. En vista de ello, conquistada mayor atención de la Psicología sobre este tema. Este artículo tuvo como objetivo evaluar, a través del método fenomenológico y la crítica husserliana, si las investigaciones publicadas por psicólogos sobre este tema mostraron alguna preocupación por el cuidado de los animales no humanos. Y, fundamentalmente, qué comprensiones sobre el bienestar y el cuidado subsidian a los psicólogos en la realización de estas investigaciones. Se trata, por tanto, de un artículo de revisión bibliográfica, cuya preocupación central se mueve entre el campo de la ética, al indagar sobre cómo se ha cuidado a estos animales no humanos; y epistemológico, ya que la crítica fenomenológica sirvió para resaltar ciertas comprensiones naturalizadas del cuidado.

PALABRAS CLAVE: Intervenciones Asistidas con Animales. Fenomenología. Precaución. Principio moral. Revisión bibliográfica.

Abstract

Animal-Assisted Interventions are a cluster of interventional practices that rely on the participation of non-human animals to provide some benefit to humans. In the last decades, several therapeutic benefits provided by this practice have been identified through numerous research published in scientific articles.

In view of this, there was greater attention from Psychology on this topic. This article aimed to assess, through the phenomenological method and Husserlian criticism, whether the research published by psychologists on this topic showed any concern with the care of non-human animals. And, fundamentally, which understandings of well-being and care subsidize psychologists in carrying out these researches. It is, therefore, a bibliographic review article, whose central concern moves between the field of ethics, when inquiring about how these non-human animals have been cared for; and epistemological, since the phenomenological critique served to highlight certain naturalized understandings of care.

KEYWORDS: Animal-Assisted Interventions. Phenomenology. Caution. Ethic. Literature review.

1. Introdução

O objetivo deste artigo consiste em avaliar, de modo crítico, de quais modos o cuidado com os animais que participam das Intervenções Assistidas por Animais está evidenciado na literatura científica. Desse modo, para realizar esta crítica, também para evidenciar os atos de cuidado com os animais descritos na literatura, utilizei o método fenomenológico, especificamente na fenomenologia, tal qual foi proposta por seu fundador, Edmund Husserl (1859-1938).

Assim, uma vez que esteja clarificado este objetivo, é necessário apresentar conceitualmente o que são as Intervenções Assistidas por Animais, bem como a sua atual relevância para o campo da Psicologia. Além disso, foi necessário também apresentar a importância ética de um cuidado destinado para os animais não-humanos envolvidos nestas intervenções. Adianto a existência da relação entre o bem-estar dos animais não humanos envolvidos neste processo e o bem-estar dos seres humanos a serem beneficiados durante as intervenções (JEGATHEESAN et al, 2018).

De modo semelhante, é preciso abordar primeiramente a fenomenologia husserliana em aspectos específicos, incluindo alguns fundamentos, para então situar quais críticas epistemológicas se estabelecem por meio de seu método, como as críticas ao naturalismo e ao historicismo (HUSSERL, 1911/1965) para posteriormente, após elucidados tais aspectos epistemológicos, clarificar as concepções sobre o método fenomenológico.

Após tais exposições será possível estabelecer a relação entre ambas, Intervenções Assistidas por Animais e a fenomenologia tanto no tocante entre a relação da produção científica com a prática profissional, quanto, e principalmente, na exigência de um agir ético ao: a) reconhecer o caráter senciente dos animais, especialmente àqueles participantes das Intervenções Assistidas por Animais; b) reconhecer as limitações epistemológicas envolvidas em buscar conhecer a experiência subjetiva dos animais não-humanos, reconhecendo o potencial reificante e utilitário de determinadas pesquisas.

Ademais, situo que esta pesquisa foi originária de uma dissertação de mestrado, e que é original na medida em que, mediante as conclusões apresentadas na dissertação em questão, acrescenta uma nova conclusão obtida a partir da análise realizada da literatura em relação à lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019, que dispõe sobre a equoterapia, em sua proposta de articulação com o Sistema Único de Saúde, por meio do Projeto de Lei N.º 3.446, de 2019.

2. As Intervenções Assistidas por Animais

As Intervenções Assistidas por Animais podem ser conceituadas como um conjunto de Intervenções, a saber: Terapia Assistida por Animais, Atividade Assistida por Animais e Educação Assistida por Animais. São Intervenções de cunho multidisciplinar, com certo nível de estruturação e com o claro objetivo de propiciar algum benefício a seres humanos. E, evidentemente, apresenta durante o seu exercício a inclusão de algum animal não-humano (DOTTI, 2014; JEGATHEESAN et al, 2018).

Desse modo, ao traçar o histórico das Intervenções Assistidas por Animais, o leitor encontrará uma história formal recente, com o início das produções científicas sobre o tema iniciado no século XX, com a publicação do artigo *The mental hygiene of owning a dog*, de James Bossard (1944). Entretanto, a história dos benefícios observados decorrentes da interação entre seres humanos e animais não humanos

é consideravelmente mais antiga. E, sem dúvidas, é dela que remonta as primeiras tentativas de impor aos animais envolvimento com propostas terapêuticas.

O leitor não pode ignorar que o ser humano é, e sempre foi, de algum modo, dependente dos demais animais com quem co-habita este planeta. A nossa origem é concomitante à nossa relação com esses animais, que ao longo dos milênios, não só foram utilizados como meio de vestimentas, alimento, guarda, transporte e entretenimento; mas também foram estabelecidas relações mais profundas, emocionais e até mesmo, para algumas culturas, espirituais e religiosas (ROCHA; MUÑOZ E ROMA, 2016).

Não obstante, desde a antiguidade, Hipócrates já relatava os benefícios à saúde oriundos das interações entre as pessoas e os cavalos (DOTTI, 2014). Mas este foi apenas o começo, tendo em vista que vários outros exemplos históricos ressaltam os já conhecidos efeitos positivos que a companhia e a interação animal propiciavam à nossa espécie.

Por exemplo, a primeira experiência registrada que teve como finalidade exclusiva os benefícios terapêuticos advindos da relação entre seres humanos e demais animais remete ao ano de 1699, para auxiliar no desenvolvimento de sociabilidade em crianças. Posteriormente a esse relato, o número de documentações que seguiram esse viés aumentam significativamente nos séculos XVIII e XIX, antes que as Intervenções Assistidas por Animais pudessem ser formalmente fundadas enquanto campo específico de interesse da ciência moderna no século XX.

Outros exemplos que são importantes de serem citados foram o caso do projeto inglês York Retreat, que responsabilizou idosos institucionalizados à tutela de um grupo de diversos animais. A partir deste caso de sucesso, é perceptível de modo mais recorrente o uso dessa estratégia terapêutica em instituições europeias e norteamericanas, como o caso do Hospital Bethel, em 1830; e do Hospital Saint Elizabeth, em 1919. Ressalto que na primeira metade do século XX, nem a cruz vermelha, que contou com animais no tratamento de soldados que retornavam das guerras; e nem Freud (1856-1939), que na década de 1930 inseriu seu próprio cachorro em algumas sessões de análise, escaparam de realizar incursões neste campo.

Inclusive, o Brasil também foi pioneiro nesta área, por meio dos trabalhos realizados pela psiquiatra Nise da Silveira, na década de 1950, no Hospital Psiquiátrico Dom Pedro II, que incorporou alguns animais domésticos à rotina dos pacientes psiquiátricos, relatando vários benefícios terapêuticos dessa decisão. Entretanto, os créditos foram direcionados para um colega e correspondente da psiquiatra em questão, pois, foi Boris Levinson (1908-1984), que em 1962 foi conhecido formalmente como fundador das Intervenções Assistidas por Animais.

Desse modo, é na figura de Boris Levinson que começa a narrativa da história recente das Intervenções Assistidas por Animais. A empreitada desse psicólogo, nascido na Lituânia e naturalizado nos Estados Unidos da América, no âmbito das intervenções com animais é iniciada por meio de um acaso durante um atendimento (HINES, 2003; MALLON, 1994).

O evento específico consistiu em um determinado dia, em que atendia uma criança, chamada Johnny, cujos pais se queixavam, dentre outras coisas, de dificuldades comunicativas. Eventualmente, durante um atendimento de Johnny, o cão de Boris Levinson, chamado Jingles, invadiu o consultório, e ao observar o interesse do jovem pelo animal, permitiu que a interação entre ambos continuasse a ocorrer de modo espontâneo. Diante desta interação, houveram melhoras na comunicação da criança, o que chamou a atenção do terapeuta para as possibilidades decorrentes de um trabalho realizado com animais não-humanos no âmbito da clínica (LEVINSON, 1969/1997).

A partir deste momento, houve um intenso movimento de publicações por parte de Levinson sobre o tema, tanto artigos científicos (LEVINSON, 1962; 1965; 1978; 1984), quanto livros (LEVINSON, 1969/1997; 1972). Àquela época, denominaram a nova modalidade terapêutica de *Pet Therapy*.

Não é possível afirmar que as suas idéias foram aceitas sem resistência e com imediato entusiasmo pela comunidade científica. Ao contrário, houveram movimentos de ceticismo, e inclusive, provocações jocosas. Por exemplo, em certa ocasião, perguntaram-lhe, sarcasticamente, se dividia os

honorários com o seu cachorro após os atendimentos (HINES, 2003). Entretanto, a percepção de Levinson parecia já ser compartilhada por outros terapeutas contemporâneos:

De fato, Levinson e colegas, aplicaram um questionário em uma amostra aleatória de 435 psicoterapeutas (50% dos membros) da divisão clínica da Associação Psicológica do Estado de Nova Iorque, o quanto animais domésticos eram recomendados por psicoterapeutas como ajudantes terapêuticos. 33% dos 319 que responderam haviam utilizado animais domésticos como assistentes terapêuticos. Dentre eles, 91% considerou-os úteis (MALLON, 1994, p. 226)

De tal maneira que posteriormente as Intervenções Assistidas por Animais, como são hoje conhecidas, continuaram a crescer e consolidar, mediante uma longa trajetória de estudos científicos sérios e comprometidos e evidenciar os benefícios dessa prática. Ainda no século XX, mais especificamente na década de 1970, por exemplo, surgem as primeiras organizações internacionais que visam divulgar, proporcionar e orientar as ações relativas às Intervenções Assistidas (HINES, 2003).

Foi o caso da *Pet Partners*, antiga *Delta Society*, e também da *International Association of Human-Animal Interaction Organization* – IAHAIO, que ilustram perfeitamente os esforços e interesse de determinados grupos e organizações em difundir e proporcionar os benefícios das Intervenções Assistidas para a população em geral (HINES, 2003; IAHAIO, 2018; PET PARTNERS, 2017).

As Intervenções Assistidas por Animais cresceram então de forma considerável ao redor do mundo, de modo que dados a já apontam para mais de 1 milhão de pessoas beneficiadas (DOTTI, 2014). Dentre os benefícios propiciados por esta modalidade terapêutica, especificamente ligados ao campo da Psicologia, posso citar: redução do estresse e de sintomas ansiosos e depressivos; melhora da memória, da interação social, da concentração e de demais processos cognitivos; maior colaboração e aderência ao processo terapêutico (BELLETATO; BENHATO, 2019; NOBRE et al, 2017).

Além disso, existem estudos que recomendam essa modalidade interventiva para várias populações específicas, como para populações com transtornos psicopatológicos: esquizofrenia, transtornos alimentares, transtornos ansiosos e de humor, e casos de dependência de álcool e outras Drogas (KRUG et al, 2019). E, também, existem estudos evidenciando benefícios para idosos institucionalizados, crianças vítimas de violência, crianças dentro do espectro autista e de indivíduos com quadros demenciais (MARTINS, 2019; NOGUEIRA et al, 2019; PEREIRA, 2017; SILVA, 2018).

Entretanto, apesar da comprovada eficácia das Intervenções Assistidas com tantas populações específicas, e sendo ela capaz de propiciar tantos benefícios, é preciso situar uma determinada problemática sobre a temática: existem variações importantes narradas na literatura sobre os modos como as Intervenções Assistidas por Animais são compreendidas, e sobre o lugar dos animais durante estes trabalhos.

A título de ilustração, algumas pesquisas anunciam cuidar dos animais por meio de escalas e instrumentos que ajudam a selecionar os animais mais adaptados ao trabalho (ULIANA, CUNHA, 2020); há autores que selecionam os animais com base nas características diretamente observadas desse animal (MARQUES et al, 2015); outros ainda enfatizam os preparos higiênicos do animal, mas que, do modo como foi escrito, evidenciado muito mais como uma preocupação com as pessoas que terão contato com o animal (NOBRE et al, 2017); existem ainda aqueles que destacam a importância dos profissionais estarem atentos aos sinais de estresse e à disponibilidade do animal em permanecer na intervenção (NOGUEIRA et al., 2019); existem compreensões de bem-estar baseados notadamente em aspectos fisiológicos (YAMAMOTO, 2012).

Diante desses exemplos, informo que o interesse não é estabelecer uma única diretriz ou invalidar os trabalhos já realizados. Tão pouco seria esperado propor uma unidade, e o fim da diversidade metodológica. Mas sim, realizar uma crítica epistemológica, sobre os fundamentos que sustentam as compreensões que sustentam cada uma desses modos de compreender e lidar.

Ademais, é nítido que não apenas os atos de cuidado destinados aos animais é algo que encontra variações dentro das produções científicas. Outro exemplo são os enfoques dados nos processos que fundamentam a compreensão de como as Intervenções Assistidas por Animais proporcionam os seus benefícios. Como exemplo, existem aqueles que atribuem papel fundamental à questão do vínculo homem-

animal durante o processo (NOBRE et al, 2017), e aqueles que focalizam em aspectos quantificáveis, buscando evidências desses benefícios (NOGUEIRA et al, 2019).

Entendo que essa variabilidade é dada à variabilidade epistêmica e metodológica e conduz os pesquisadores a determinados tipos de pesquisas, guiados por suas respectivas concepções apriorísticas. É importante compreender que estes estudos, por sua vez, vão impactar na prática profissional dos Psicólogos, visto que há exigência ética de uma prática guiada e fundamentada cientificamente (CFP, 2014).

De modo semelhante, o código de ética profissional do Psicólogo também situa a questão do comprometimento com o cuidado e bem-estar das pessoas beneficiadas pela prestação do serviço psicológico (CFP, 2014). Devo, assim, situar a justa extensão desse compromisso para a situação da ética voltada para a animalidade, tanto por uma questão de fundamentação filosófica, como orienta e discute Peter Singer (1975), mas também as novas compreensões no campo do direito, como é o caso do princípio Ruggie (TREVISAM; CRUCIOL JUNIOR, 2020).

Entendo assim que: a) ao estabelecer uma crítica epistemológica e refletir sobre os fundamentos científicos das Intervenções Assistidas por Animais, reflito também sobre a prática profissional, tendo em vista a indissociabilidade entre conhecimento e prática; b) os avanços e atuais reflexões no campo da Ciência Biológicas, da Filosofia e do Direito têm apontado para a condição senciente dos demais animais, o que os coloca em condição suficiente de serem alvos de preocupações e reflexões éticas, tendo em vista evitar o seu sofrimento (SINGER, 1975; TREVISAM; CRUCIOL JUNIOR, 2020); e c) para fomentar uma articulação entre os dois pontos supracitados, que interseccionam a epistemologia e a ética, ocorre por meio da fenomenologia de E. Husserl (1911/1965; 1924/2020).

3. A Fenomenologia Husserliana

A fenomenologia consiste em um dos principais movimentos filosóficos do século XX, exercendo uma imensa e significativa influência em vários âmbitos do conhecimento. Ademais, é preciso que, para compreender sua origem, que remonta a uma resposta a outros posicionamentos epistemológicos presentes no século XIX.

Naquele momento histórico, as ciências naturais estavam em forte ascensão e eram chamadas para fornecer respostas nos mais diversos campos do saber. Algo semelhante acontecia no campo da Psicologia, por meio da chamada psicofísica, que consistia no estudo dos fenômenos psicológicos por meio da fisiologia, que melhor estava adequava aos métodos das ciências naturais.

Diante disso, não só a Psicologia havia encontrado uma nova forma de ser reconhecida em sua validade científica, mas também era chamada para ajudar a esclarecer e fundamentar outras ciências, como era o caso da lógica. Assim, nasce a corrente chamada psicologista, que consistia em buscar fundamentar as leis da lógica com base em aspectos psicológicos, que por sua vez estavam fundados na fisiologia.

Esse movimento chamou atenção e contou com a adesão de vários intelectuais da época, o que incluiu Edmund Husserl nos seus primeiros anos enquanto acadêmico, pesquisador do campo da matemática. Durante esse período, Husserl chega a publicar as obras *Sobre o Conceito de Número: análise psicológica* (HUSSERL, 1887/2012), que foi a tese que o habilitou a conseguir uma cátedra de professor universitário em Halle, e posteriormente publicou *Filosofia da Aritmética* (HUSSERL, 1891/2001).

Durante o período em que produz essas obras, Husserl segue como representante e defensor da tese psicologista, até que posteriormente, percebendo as inconsistências dessa tese, abandona-a. É após este abandono que a fenomenologia encontra meios de fincar-se e desenvolver-se enquanto, também, crítica epistemológica.

Assim, a fenomenologia surge enquanto resposta ao movimento psicologista, mas também em resposta às inadequações metodológicas que tomavam conta do cenário das ciências do início do século XX. Afinal, “[...] o cientista das ciências naturais tende a considerar tudo como natural. E o erudito dedicado às ciências morais, a considerar tudo como histórico [...]” (HUSSERL, 1911/1965, p. 9).

Logo, é importante compreender que não se trata de uma mera crítica às ciências, já que se reconhece que “a ciência natural é muito crítica, à sua maneira” (HUSSERL, 1911/1965, p. 16), mas a fenomenologia é também um modo de resgate do mundo esquecido pela temática científica. De tal modo que é oportuno compreender que a fenomenologia “pertence essencialmente à crítica do conhecimento e, por conseguinte, de toda crítica da razão em geral” (HUSSERL, 1906/2000, p. 87).

Isto porque Husserl denuncia uma crise na razão científica de seu tempo e que reverbera até a contemporaneidade:

[...] dos lamentos gerais sobre a crise da nossa cultura e do papel que nela é atribuído às ciências, talvez surjam motivos para submeter a cientificidade de todas as ciências a uma *crítica séria e muito necessária*, sem por isso abandonar o seu sentido primeiro de cientificidade [...] Que tem a ciência a dizer sobre a razão e a não razão, que tem ela a dizer sobre nós, homens, enquanto sujeitos desta liberdade? A mera ciência dos corpos obviamente nada, pois abstrai tudo que é subjetivo (HUSSERL, 1936/2012, p. 2-3).

Assim, é preciso situar que como as ciências naturais limitam toda a existência à natureza, como a unidade de tudo que existe, situada espaço-temporalmente (HUSSERL, 1911/1965), isto implica em compreender que o naturalismo toma o mundo como efetividade, entendendo que “‘O’ mundo sempre está aí como efetividade” (HUSSERL, 1913/2006, p. 77).

Este mundo tomado como efetividade, é o que Husserl vai denominar de “mero mundo de coisas” (HUSSERL, 1913/2006, p. 75), que abordado pela esfera científica, vai excluir tudo aquilo que é subjetivo, diante da compreensão de que o subjetivo é “meramente relativo ao sujeito” (HUSSERL, 1936/2012, p. 12). Nesse sentido, a fenomenologia nasce como resposta a essa compreensão, entendendo “Este mundo, além disso, não para mim aí como um mero mundo de coisas, mas em igual imediatez, como um mundo de valores, como mundo de bens, como mundo prático” (HUSSERL, 1913/2006, p. 75).

E, para isso, é necessário lidar com aquilo que é “simplesmente intuível e deixa de fora de consideração todas as opiniões ou conhecimentos objetivos-científicos” (HUSSERL, 1936/2012, p. 100). De modo que o método fenomenológico seria o caminho para evidenciar os fenômenos de modo imediato, tal qual eles se manifestam à consciência.

Assim, toda consciência seria intencional, isto é, capaz de se dirigir aos fenômenos por meio de atos, de modo que cada ato teria um conteúdo correlato. Além disso, cada fenômeno possui também uma essência, intuível por meio das reduções fenomenológicas. De modo a compreender que:

[...] o método fenomenológico será, por sua vez, um método de evidenciação dos fenômenos, cuja estratégia consiste, grosso modo, no exercício da suspensão de juízo em relação à posição de existência das coisas, viabilizando a recuperação das mesmas em sua pura significação (TOURINHO, 2012, p. 853, grifo nosso).

Desse modo, a fenomenologia demonstra como sendo de fundamental importância na medida em que reconduz ao mundo em sua originalidade, tal qual ele se apresenta para a consciência, em seu caráter intencional, de modo direto e apodítico. E também um fuga do caráter “doutrinador, pregador, moralizador, reformador” (HUSSERL, 1911/1965, p. 11) do naturalismo, tendo em vista que as consequências de uma “ética naturalística” (HUSSERL, 1911/1965, p. 10) e as suas implicações para as demais disciplinas científicas. Recordo, então, que “o objetivo não é uma física, mas uma ética do pensar” (HUSSERL, 1900/2014, p. 42).

4. Metodologia

Conforme já foi exposto, o método fenomenológico é compreendido como o método de evidenciação dos fenômenos, e à fenomenologia pertence a crítica geral da razão. Deste modo, por meio do método fenomenológico, houve primazia por evidenciar o fenômeno do cuidado para com os animais não humanos na produção científica de psicólogos dentro do campo das Intervenções Assistidas por Animais, e deste mesmo modo, estabelecer a crítica epistemológica à razão que fundamentou tais estudos.

É mister compreender que ao método fenomenológico é dividido didaticamente, de modo bastante usual na literatura, em três movimentos específicos: a redução psicológica, da qual faz parte a chamada *epoché*; a redução eidética, da qual se destaca a possibilidade do uso da variação imaginativa; e a redução transcendental (GUIMARÃES, 2013; HUSSERL, 1936/2012; 1927/1992).

Entretanto, ressalto que esta é uma pesquisa de revisão sistemática da literatura, tendo em vista que o material analisado foram publicações científicas coletadas por uma série de procedimentos pré-definidos. Assim, entendo que a revisão de literatura não é a mera repetição ou descrição do que já foi, outroar, exposto; mas a análise crítica das produções dentro de um determinado recorte, sobre determinado tema (SABADINI; SAMPAIO; KOLLER, 2009).

Portanto, constato que “Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183). E é por esse motivo, que é válido o complemento de que uma revisão sistemática de literatura “implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 38).

Contudo, não lido com o caso de uma mera revisão sistemática de literature, mas sim, de uma análise dessa literature por meio do método e do rigor fenomenológico. De modo que não pretendo enviar a leitura, ou mesmo conduzir à conclusões que divergentes daquilo que está imediatamente posto no texto, ou, conforme orienta Ales Bello “é ler com a intenção de deixar o autor falar, seguindo seus pensamentos como estes se configuraram em sua mente” (ALES BELLO, 2000, p. 252, tradução nossa).

Desse modo, no que concerne à realização do levantamento bibliográfico, a busca foi realizada em meio virtual, especificamente na Plataforma de Periódicos da CAPES. As buscas seguiram a seguinte lógica: o termo “assistida por animais”, presente no título; e o termo “psicologia”, em qualquer parte do texto. Posteriormente, tais termos foram traduzidos para a língua inglesa, resultando em “animal-assisted” e “psychology”; e em seguida para o espanhol, resultando nos termos “assistido por animales” e “psicologia”.

A escolha pelo termo “assistida por animais” foi devido ao fato de ser um termo comum presente em todas as Intervenções Assistidas por Animais. Desse modo, os resultados apresentariam e captariam os textos que abordassem a Intervenção Assistida por Animais, a Terapia Assistida por Animais, a Educação Assistida por Animais e a Atividade Assistida por Animais, gerando um resultado mais abrangente, e evitando excluir artigos que pudessem ser relevantes para a pesquisa.

Os resultados foram restringidos para apenas apresentarem artigos científicos, publicados entre primeiro de Janeiro de 2017 e trinta e um de dezembro de 2019. O intervalo de tempo configurou a produção mais recente durante o período de execução do mestrado que originou este artigo, além de também configurar um escopo exequível de artigos para serem revisados.

Dos artigos levantados, foram apenas aceitos aqueles encontrados nos idiomas português, inglês ou espanhol, que são os idiomas cujo pesquisador possui domínio suficiente para realizar a avaliação necessária. Pelo mesmo motivo, os termos utilizados durante a pesquisa foram traduzidos para os três idiomas.

Ademais, foram também critérios de seleção: haver necessariamente, no mínimo, um (1) psicólogo dentre os autores do texto; as Intervenções Assistidas por Animais em diálogo direto com campo de interesse da Psicologia, tendo em vista o caráter multidisciplinar das Intervenções, e o artigo ter sido revisado por pares. Quando o artigo não apresentou dados institucionais e curriculares suficientes sobre os autores, realizei buscas por meios complementares, como a Plataforma LinkedIn.

A sistematização dos artigos ocorreu por meio de planilha no programa Excel, gerando uma tabela de organização e controle dos artigos revisados. E, também foram realizados quadros descritivos de análise para cada artigo, de modo que as evidências e aspectos principais da publicação pudessem ser mais facilmente encontradas, aos modelos já realizados por Silva (2019) e Borba (2011).

Tais quadros apresentavam as seguintes informações de cada artigo: autor; país de publicação; ano de publicação; título do artigo; sub-área da Psicologia; dificuldades e riscos em atuar com as

Intervenções Assistidas por Animais; benefícios de tais Intervenções; equipe multiprofissional; protocolos, organizações e legislações pertinentes; e evidências dos atos de cuidado adotados direcionados para os seres humanos e para os demais animais.

Por meio destas etapas foram levantados um total de 54 artigos, dos quais, após triagem, restaram um total de 37 artigos para análise. Portanto, uma vez levantados os artigos para revisão, bastou realizar a leitura por meio do método fenomenológico, para posteriormente, realizar a crítica epistemológica, evidenciando posturas naturalistas, limites epistemológicos e eventuais inadequações entre fenômeno e método.

Logo, antecipadamente, é necessário compreender que, conforme narra E. Husserl (1931/2001), os livros, e por livros, estendo a compreensão aos objetos resultantes do processo de escrita de seres humanos, são objetos de predicados espirituais, que remetem o seu sentido a outro ser humano, e portanto, a outra consciência intencional que se dirigiu anteriormente àquele fenômeno. Desse modo, para realizar a análise fenomenológica deste material escrito, devo primeiramente intuir de modo imediato que houve uma intencionalidade fundante por trás dos atos que geraram os artigos que foram lidos.

Afinal, esclarece Husserl (1931/2001, p. 107):

[...] ao mundo da experiência pertencem objetos com predicados espirituais, que remetem, segundo a sua origem e sentido, para sujeitos [...] e para a sua intencionalidade ativamente constituinte: assim acontece com todos os objetos culturais (livros, utensílios, toda espécie de obras, etc).

Assim, uma vez esclarecido esse aspecto, é possível esclarecer de modo mais detalhado as reduções fenomenológicas, que compõe o método fenomenológico. Especificamente, é necessário iniciar pelo movimento suspensivo, fundamental para uma visada não apriorística do fenômeno, que é a *epoché* fenomenológica. É oportuno esclarecer que costumeiramente, a *epoché* é apresentada como sendo a própria redução psicológica. Contudo, essa é uma compreensão equivocada (CASTRO; GOMES, 2011).

Assim, a *epoché* consiste na suspensão dos *a priori*s, a fim de garantir a visada intencional direta ao fenômeno, tal qual ele se evidencia para a consciência. Destaco que esse procedimento é fundamental para que seja possível iniciar a primeira redução: a redução psicológica, que consiste na descrição do fenômeno de modo fiel a sua manifestação para a consciência que o descreve.

A primeira redução é de fundamental importância, juntamente com o movimento suspensivo da *epoché*, pois ela retira o mundo da obviedade ingênua, e distancia-nos das compreensões de uma empiria simplista. É mediante esse retorno ao mundo que se denuncia pela sua própria experiência direta que encontramos um mundo para além do “mero mundo de coisas” (HUSSERL, 1913/2006, p. 75). De modo que pude compreender que:

“[...] o método fenomenológico será, por sua vez, um método de evidenciação dos fenômenos, cuja estratégia consiste, grosso modo, no exercício da suspensão de juízo em relação à posição de existência das coisas, viabilizando a recuperação das mesmas em sua pura significação” (TOURINHO, 2012, p. 853, grifo nosso).

Após a primeira redução, na qual há a suspensão das concepções apriorísticas e também a descrição dos fenômenos tal qual sua evidenciação de modo apodítico e imediato à consciência, a segunda redução, denominada redução eidética, deve ser abordada de modo a clarificar a estrutura eidética dos fenômenos. Mas para compreender esta redução, é necessário compreender o que é denominado como essência, em Husserl.

É possível compreender essência como o conjunto de predicativos invariáveis evidenciados na manifestação do fenômeno. Ou seja, “‘Essência’ designou, *antes de mais nada*, aquilo encontrado no próprio indivíduo como *o que ele é*” (HUSSERL, 1913/2006, p 35). Nesse sentido, a essência consiste em um novo tipo de objeto, o qual é possível visar por meio da redução eidética.

Desse modo, há que: “A essência (eidos) é uma nova espécie de objeto. Assim como o que é dado na intuição individual ou empírica é um objeto individual, assim também o que é dado na intuição de

essência é uma essência pura” (HUSSERL, 1913/2006, p.36). Assim, posso abarcar que a variação imaginativa, que consiste em um procedimento que se dá por meio de alterações, através de atos imaginativos, as características de determinado fenômeno. Sempre que a alteração de uma característica desconfigurar o fenômeno e este fenômeno não puder mais ser compreendido como ele próprio, é sabido que aquela era uma característica essencial (CASTRO; GOMES, 2011).

Como última redução, está a redução transcendental, que consiste na evidenciação do fenômeno ao nível da consciência transcendental. Desse modo, o eu-transcendentalmente reduzido, na sua condição de ego-transcendental, intenciona as estruturas essenciais do fenômeno durante a vivência, na qualidade de sua consciência enquanto doadora de sentido (GUIMARÃES, 2013). Afinal, conforme esclarece Guimarães (2013, p. 5-6):

o terceiro momento, o da redução transcendental, as essências desveladas no segundo momento, são vivenciadas e evidenciadas na ordem da consciência transcendental, ou seja, na sua simplificação, na ordem da subjetividade do “eu penso”. Essências são sempre essências dos objetos, das “coisas”, que são levadas à instância transcendental, à instância do “eu penso”, como tribunal da evidenciação. Nesse tribunal funciona a reflexão em torno das evidências extraídas do mundo da vida. A pretensão é evidenciar o mundo da vida. Essa pretensão só pode se dar no espaço transcendental, enquanto lugar privilegiado da evidenciação – aliás o único lugar – em que o sujeito está diante de seu objeto, numa correlação de dependência recíproca, tendo em vista que um não existe sem o outro (GUIMARÃES, 2013, p. 5-6).

Assim, apesar dessa definição, é preciso esclarecer alguns outros conceitos, dentre eles, o de ego transcendental, que pode ser compreendido como o *res cogitans*, aquele ego puro, apresentado por Descartes (HUSSERL, 1931/2001), aquele eu distanciado do mundo e que toma o mundo como fenômeno, na medida em que se distancia desse mundo. Assim, Husserl:

[...] mostra que pela *epoché* aquele que filosofa abre para si uma nova espécie do experimentar, do pensar, do teorizar, na qual, situando-se *acima* do seu ser natural, e *acima* do mundo natural [...]O mundo, porém, [...] válido nos modos sempre subjetivos, não desapareceu, mas apenas é visto, durante a *epoché* levada a cabo de modo consequente, puramente como correlato da subjetividade para ele doadora de sentido de ser, subjetividade por cuja validade em geral “é”. Esta não é, contudo, uma “uma concepção”, uma “interpretação” atribuída ao mundo. Toda a concepção de..., toda a opinião sobre o “o” mundo tem o seu solo no mundo pré-dado (HUSSERL, 1936/2012, p. 124).

Uma vez que esteja clarificada a questão do ego transcendental, e conseqüentemente, tornada compreensível a terceira redução fenomenológica, e explicitado de quais modos a fenomenologia possibilita uma crítica epistemológica. Especialmente ao denunciar o mundo tomado como efetividade, e ao denunciar outras possibilidades de lidar com os fenômenos que não seja reduzindo-os à compreensões naturalistas.

5. Resultados

Durante a pesquisa, foram levantados 54 artigos, dos quais, apenas 37 permaneceram após a triage realizada conforme os critérios já discutidos. Com a finalidade de realizar um agrupamento e sistematização dos estudos levantados, optei por privilegiar aspectos metodológicos de cada artigo, bem como suas propostas e objetivos.

Desse modo, encontrei muita utilidade em classificá-los conforme tipifica a American Psychological Association (APA, 2012), em artigos empíricos, teóricos, metodológicos, revisões de literature ou estudos de caso. Logo de início, percebi uma preponderância de certos tipos de artigos em detrimento de outros, o que aponta para determinada hegemonia nas produções no campo das Intervenções Assistidas por Animais.

Dentre os 37 artigos levantados, obtive: 16 artigos empíricos, 8 artigos teóricos, 8 artigos de revisão de literature, 1 artigo metodológico, 2 estudos de caso e 2 artigos que apresentavam características

mistas de estudo teórico e estudo de casos. Notei que a prevalência de artigos empíricos é apenas uma das hegemonias percebidas no campo das Intervenções Assistidas por Animais.

Sobre os artigos empíricos, foram encontrados artigos dos respectivos autores Crossman e Kazdin (2018); Flynn et al (2019); Germone et al (2019); Giuliani e Jacquemettaz (2017); Hediger et al (2019a); Jarolmen e Patel (2018); MCCullough et al (2018); Muckle e Lasikiewicz (2017); Muela et al (2017); Muela et al (2019); Pendry, Kuzara e Gee (2019); Pendry, Vandagriff e Carr (2019); Schmitz et al (2017); Silva e Osório (2018); Tournier; Vives e Postal (2017); Wanser e Udell (2019).

Dentre as características gerais desta classificação de estudos, destaco a prevalência da Terapia Assistida por Animais como o principal tipo de Intervenção. Apenas o artigo de Crossman e Kazdin (2018) aborda a Educação Assistida por Animais, embora ainda em conjunto com a Terapia Assistida por Animais.

A Atividade Assistida por Animais também é mais prevalente. Contudo, essa prevalência deve ser abordada com certas ressalvas. Como a compreensão geral das Atividades Assistidas por Animais têm sido como um modelo interventivo mais livre e com uma maior abrangência de objetivos (DOTTI, 2014), que podem diferir dos objetivos terapêuticos, embora na literature analisada não o façam. A estrutura e o desenho metodológico das pesquisas que abordam as Atividades e a Terapia Assistidas têm sido muito semelhante, o que apresentam uma possibilidade e convite para que os autores escolham abordar as duas modalidades de modo conjunto, muitas das vezes, sem realizar a correta diferenciação.

E isso reflete também no modo como as pesquisas empíricas foram desenhadas. Há, por exemplo, uma grande ênfase para aspectos biológicos e psicológicos, e pouco foi abordado o âmbito social. Assim como muito enfoque foi dado ao âmbito dos processos de saúde e de qualidade de vida, especialmente com enfoque em condições patológicas e funcionais.

O artigo de Crossman e Kazdin (2018) foi a exceção, no âmbito do modo como os artigos empíricos foram desenhados. Uma vez que o objetivo dos referidos autores foi avaliar se a percepção e a atitude das pessoas sobre animais domésticos poderia interferir na Terapia Assistida por Animais. Contudo, fora esse caso, os estudos empíricos seguem de modo bastante claro uma proposta de construir um mosaico das Intervenções Assistidas por Animais, no sentido de replicar ou encontrar novas populações e contextos em que os benefícios das IAAs podem ser oportunos.

Entretanto, esse movimento clássico das ciências naturais: replicação de estudos para estabelecer nexos causais-explicativos entre a ocorrência de fenômenos, confirmando hipóteses e tornando-as em teorias cada vez mais robustas, aparenta demonstrar uma determinada contradição. A referida contradição é evidenciada na medida em que o maior número de artigos foram aqueles caracterizados como empíricos, mas autores ainda apontam para fragilidade no estatuto do conhecimento sobre as Intervenções Assistidas por Animais (BEETZ, 2017).

Outras alegações importantes foram a possibilidade dos autores superestimarem os resultados (CROSSMAN; KAZDIN, 2018), ocultarem resultados negativos (BEETZ, 2017) ou ainda romantizarem as Intervenções Assistidas (BACHI; PARISH-PLASS, 2017). Tais preocupações evidenciam que a homogeneidade desse modelo de pesquisa, apesar de importante, pode não estar sendo suficiente para consolidar as Intervenções Assistidas por Animais.

Um exemplo disso é que ainda não foi estabelecida uma única teoria capaz de explicar como as Intervenções Assistidas por Animais funcionam, e de que modo os seus benefícios são propiciados. Existem sim, inúmeras teorizações válidas, Beetz (2017) e Holtum (2018) apresentam 10 teorias diferentes sobre este tópico. Mas é possível que os estudos empíricos, do modo como estão sendo feitos, mais sirvam para compor um mosaico de contextos e populações possíveis para realizar as Intervenções Assistidas por Animais do que proporcionem um entendimento do que ocorre nesses momentos.

É possível, inclusive, que este tipo de publicação seja mais prevalente não só pelo modelo científico hegemônico, mas também pelo próprio incentivo das revistas por artigos que versem sobre este assunto, conforme apontam Bachi e Parish-Plass (2017). Assim, esse tipo de estudo, especialmente quando já há inserção do profissional-pesquisador em alguma instituição, seja facilitado pois os resultados decorrem do exercício profissional do autor.

Percebi ainda para a escassez de estudos qualitativos, de modo que o único artigo autodeclarado qualitativo recorre de modo muito evidente às análises quantitativas (SCHMITZ et al, 2017). Assim, o uso da análise estatística como hegemônica, presente em todos estes artigos empíricos; o modelo científico natural; a recusa em aceitar como fonte confiável de informações o relato dos participantes (GERMONE et al, 2018); e o afastamento do aspecto vivencial podem estar comprometendo o avanço dos estudos nas Intervenções Assistidas por Animais.

Quando abordei os artigos teóricos: Bachi e Parish-Plass (2017); Beetz (2017); Fine, Beck e Zenithson (2019); Hediger et al (2019b); Hosey et al (2018); Mccune, Esposito e Griffin (2017); Menna et al (2019); Zilcha-Mano (2017) e os artigos de revisão bibliográfica : Artz e Davis (2017); Brelsford et al (2017); Holttum (2018); Jones, Rice e Cotton (2019); Nakajima (2017); Owenby (2017); Shen et al (2018) e Waite; Hamilton e O'brien (2018), percebi que ambas as categorias apresentaram basicamente o mesmo escopo geral.

É notável que em ambos os casos, majoritariamente, não foram abordadas Intervenções específicas, mas sim, das Intervenções Assistidas por Animais de um modo geral. Entretanto, o enfoque principal continuou sendo o âmbito da saúde e do bem-estar. De modo que artigos focados em pensar sobre o âmbito da clínica adulta ou infantil e hospitalar continuaram em destaque.

Outro ponto importante, e que mantêm esses artigos próximos aos artigos empíricos é o referencial epistemológico. Apesar de ser comum que os artigos façam menções à outras teorias ou concepções epistemológicas, a predominância permaneceu com o ponto de vista biológico e fisiológico. Assim, percebi que o modo principal de visar os fenômenos presentes nas Intervenções Assistidas por Animais foi por meio da materialidade do corpo biológico, quantificando aspectos hormonais e comportamentais. O aspecto vivencial permanece perdido.

Entretanto, ocorreram três mudanças importantes, em comparação com os artigos empíricos: a) uma maior preocupação com a fundamentação das Intervenções Assistidas por Animais e com as explicações de como os benefícios terapêuticos ocorrem (BEETZ, 2017; HOLTTUM, 2018); b) concepções alternativas de como realizar as Intervenções Assistidas por Animais foram abordadas, com destaque para a proposta japonesa (NAKAJIMA, 2017), mas focada em permitir o desenvolvimento cívico e empático por meio do contato com os animais e com a natureza, ao invés de focar na melhor de aspectos cognitivos e motores; a articular com a proposta da *One Health*, desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde, que preconiza a indissociabilidade entre saúde humana e animal (HEDIGER et al., 2019b; MENNA et al., 2019); e c) a apresentação de enfoque no campo social e comunitário como propuseram Artz e Davis (2017).

Quanto aos artigos de estudo de caso Dicé et al (2017), Jones (2018); o artigo metodológico de Kazdin (2017); e os artigos que foram classificados como mistos de Shani (2017) e Chandler (2018) não divergiram significativamente do que hegemonicamente foi publicado acerca das Intervenções Assistidas por Animais. Apesar de apresentarem algumas peculiaridades, nada que já não tenha sido demarcado quando foram abordados os artigos de revisão bibliográfica e teóricos.

6. Discussão

Conforme já foi apresentado sobre a fenomenologia e sobre a proposta deste artigo, é mister situar que o enfoque durante as análises foram justamente nos modos pelos quais os atos de cuidado foram evidenciados na literatura levantada. Desse modo, apesar das sérias consequências do naturalismo, como já demonstrado por Husserl (1911/1965), verifiquei que sim, houveram significativas manifestações de atos de cuidado na literatura.

Essas manifestações foram as seguintes, totalizando 13 modos pelos quais os pesquisadores demonstraram cuidado direcionado aos animais: preocupações pertinentes à seleção e escolha dos animais que trabalhariam nas Intervenções Assistidas por Animais, coma finalidade de escolher, além dos mais aptos, aqueles que menos sofreriam com o processo (MCCULLOUGH et al, 2017); a seleção de participantes aptos, que reduziriam a probabilidade de danos e violências contra os animais (ZILCHA-

MANO, 2017); mensuração de estresse e fadiga por meio de processos quantificáveis (MCCULLOUGH et al, 2017); permitir que o animal escolhesse permanecer ou não durante a Intervenção (ZILCHA-MANO, 2017); protocolos higiênicos e prevenção de zoonoses, entendidas tanto enquanto doenças que passam do animal não-humano para o ser humano, quanto as que passam do ser humano para o animal não-humano (MUELA et al., 2017); gerenciamento de riscos (JONES; RICE; COTTON, 2019); comitês de ética e pesquisa (SILVA; OSÓRIO, 2018); menção às legislações pertinentes, como a declaração de Helsinki (TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017); atenção aos sinais e aos marcadores hormonais que indicassem que o animal também seria beneficiado do processo (HEDIGER et al, 2019b); presença de veterinários ou outros especialistas em saúde animal (MUELA et al, 2017); profissionais e animais treinados e certificados (GIULIANI; JACQUEMETTAZ, 2017); ambiente adequado com disponibilização de água e comida (SILVA; OSÓRIO, 2018); e atenção à dimensão senciente do animal (BACHI; PARISH-PLASS, 2017).

Diante de todas essas manifestações de um cuidado para com os animais, é oportuno separá-las em três categorias de importante problematização: a) a seleção dos animais e a compreensão sobre sua saúde e bem-estar; b) o preparo e capacitação dos profissionais Psicólogos em lidar com as demandas dos animais; e c) discussão sobre a lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019, que versa sobre equoterapia, como element original deste artigo.

Sobre o primeiro ponto, é importante situar que existe um desafio epistemológico muito sério, tanto quando um ser humano tenta avaliar como um animal de outra espécie pode sentir ou vivenciar determinada situação, quanto quando é proposto selecionar o animal que melhor poderia lidar com essa situação. Afinal, de que modo seria possível acessar o aspecto subjetivo de um animal não humano, ao ponto de existir a possibilidade de alegar: isto, para tal animal, é bom? Ou ainda, como afirmar que para este animal, o trabalho interventivo é menos estressante do que para aquele?

Pude avaliar o que os pesquisadores tem escolhido como estratégias para lidar com essas questões. No âmbito da seleção do animal, a escolha tem sido pautada em conhecimentos construídos acerca de determinadas raças ou espécies (TOURNIER; VIVES; POSTAL, 2017); de avaliações por meio de questionários e outros instrumentos (MCCULLOUGH et al, 2017); com base em certificações e treinamentos que o animal possua (GIULIANI; JACQUEMETTAZ, 2017); ou com base no conhecimento dos profissionais sobre a conduta do animal co-terapêutica (ZILCHA-MANO, 2017).

Ademais, verifiquei que a situação da compreensão sobre o bem-estar e saúde do animal permanece próxima à situação de como são selecionados estes animais. Os principais modos de compreensão da saúde e bem-estar estiveram pautados em: aspectos biológicos, especialmente medições de cortisol (BACHI; PARISH-PLASS, 2017) e de teorizações sobre a via ocitocinérgica (SILVA; OSÓRIO, 2018); observação comportamental (MCCULLOUGH et al, 2017); ou ainda a figura de um especialista em saúde animal, como a figura do veterinário (MENNA et al, 2019).

O que há de comum em ambos os casos, da compreensão sobre bem-estar e nos processos de seleção, é que existe uma tendência a abordar aspectos subjetivos, que diriam respeito à vivência do animal, por meio das ciências naturais. Ou seja, um enfoque no caráter biológico ou comportamental, e, quando não, em aspectos técnicos que visam alcançar uma padronização generalizante, de modo a propor uma resposta rápida para as demandas e problemas postos, que é o caso da seleção por meio das raças, das certificações e treinamentos; e por meio dos inventários e testes.

Notei que a questão central aqui não é invalidar ou desencorajar o uso de tais estratégias. Pelo contrário, é recomendável que haja a busca pelas melhores maneiras de responder à questão se aquele animal é indicado ou não ao trabalho, se ele possui mais chances ou menos chances de sofrer. Porém, o uso dessas estratégias e tecnologias não respondem de modo absoluto à problemática, e acabam por ocultar alguns aspectos importantes.

Uma das primeiras questões que deveria estar claro para todo psicólogo que atuar junto com animais não-humanos é uma limitação, reconhecida no artigo de Fine; Beck e Zenithson (2019), que os saberes etológicos e os nossos conhecimentos sobre bem-estar animal encontram uma barreira intransponível, na exata medida em que a vivência do animal está perdida ao humano. Desse modo, é preciso assumir que apesar de os seres humanos sentirem dor, e de que os cães, por exemplo, também a

sintam, não seria razoável tentar compreender a vivência e a experiência do cachorro por meio da experiência e vivência humana, apesar da humanidade poder reconhecer a dor do cachorro (NAGEL, 1974/2013).

Mas, aqui parece estar um problema muito curioso: há inúmeras comprovações, de variados modos, de que os animais em geral sentem (SINGER, 1975), contudo, o ser humano não pode compreender absolutamente como é o sentir desses animais (NAGEL, 1974/2013). Uma primeira pergunta é como? E nesse primeiro ponto, há um relativo encontro entre as ciências naturais e a fenomenologia: por meio do corpo. Porém, o modo de lidar com o tema da corporeidade é distinto para ambas propostas epistemológicas.

A fenomenologia, abordando aqui especificamente a husserliana, e as ciências naturais, não encontram dificuldades em reconhecer que o corpo dos demais animais e dos seres humanos possuem uma dimensão material e fisiológica com determinados níveis de semelhança. a (HUSSERL, 1931/2001). Desse modo, como o corpo compreendido enquanto objeto natural é reduzido ao seu aspecto material, e a semelhança morfofisiológica entre as espécies permite, para a ciência natural, determinadas transposições.

É o que ocorre quando analisei a literatura levantada, em alguns momentos o cortisol confunde-se com a própria vivência do estresse, o aspecto vivencial-subjetivo é esquecido em detrimento do aspecto material do fenômeno: o estresse foi reduzido a um hormônio. Assim, se o estresse está reduzido a um hormônio, ou a uma classe de comportamentos, basta a sua manifestação para assumir que o estresse acontece, ou a redução do cortisol para assumir que o estresse passou (BACHI; PARISH-PLASS, 2017).

Entretanto, o que é perdido quando o foco está no caráter material de tais fenômenos? Está perdido o que, para a fenomenologia, é o mais importante: todo o resto. Alguns autores focaram no corpo do animal, e muitas vezes se perde de vista o animal e as suas outras possibilidades, como o afeto e o vínculo que podem ser desenvolvidos nessa interação. Ou ainda, mesmo que o animal não esteja estressado, desaparece a possibilidade de avaliar a disponibilidade deste animal para a intervenção.

Nesse ponto, o artigo de Muela et al (2017) foi uma exceção à regra, quando os autores situam que “No caso do cão de terapia que vivia com os adolescentes, esse animal foi permitido de se separar do grupo e do resto em uma área de convivência inacessível para os participantes” (p.5, tradução nossa). Desse modo, chamo a atenção de que a compreensão da limitação epistemológica em conhecer, de modo qualitativo, a vivência de um animal de outra espécie deve ser condição primeira para que seja permitido a este animal se posicionar dentro da intervenção e do seu trabalho, e que é preciso estar atento às evidências dadas por este animal de como aquela situação está sendo vivida por ele.

Tal exercício requer um movimento fenomenológico de intuição direta, mas exige também certo nível de sensibilidade e vinculação com o animal co-terapeuta em questão. Dito isto, posso abordar a próxima problemática: b) o preparo e capacitação dos profissionais Psicólogos em lidar com as demandas dos animais.

Para começar sobre este ponto, reitero “essas intervenções foram romantizadas, e frequentemente são referidas como terapia, mesmo que, na maioria dos casos, nenhum terapeuta capacitado estivesse envolvido” (BACHI; PARISH-PLASS, 2017, p.1, tradução nossa). O que já apresenta um primeiro ponto de atenção: mesmo existindo cursos de formações e certificação para estes terapeutas, ainda há relatos de intervenções que acontecem executadas por profissionais despreparados.

Além disso, apesar da metodologia multiprofissional, vários dos estudos levantados não fazem menções aos profissionais da veterinária, que deveria ser o profissional encarregado de cuidar do bem-estar animal. Em certos casos, até a figura do tutor, que seria uma outra figura de interesse quando é abordado o bem-estar animal, esteve fundamentalmente ausente.

Por exemplo, dentre os 16 artigos empíricos, apenas quatro deles situaram o veterinário como membro da equipe multiprofissional (GERMONE et al, 2018; HEDIGER et al, 2019a; MUELA et al, 2017; MUELA et al, 2019). E o problema é intensificado quando é percebido que, apesar da presença do veterinário, o psicólogo necessita ter conhecimentos sobre o animal em questão. E intensificada ainda mais quando se percebe que além de conhecer, Zilcha-Mano (2017), corretamente orienta a respeito da

“importância do relacionamento pessoal do terapeuta com o animal presente no setting terapêutico” (p. 9, tradução nossa).

Afinal, como discutido há pouco, essa vinculação e esse relacionamento do terapeuta com o animal presente no *setting* terapêutico constituído enquanto condição de não objetificação do animal, de não reduzi-lo a um mero organismo co-presente na sessão e fornece condição para o reconhecimento de suas vontades e necessidades. E é nesse ponto exato em que a lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019, entra em questão.

A referida lei, quando esta não especifica que tipo de formação complementar ou preparo os profissionais da saúde, incluso os psicólogos, devem possuir para atuar com equoterapia. Este ponto é importante tendo em vista a rápida disseminação das Intervenções Assistidas por Animais, o amplo interesse commercial que essa área tem ganhado e o ingresso de profissionais pouco preparados para essa atuação (BACHI; PARISH-PLASS, 2017).

Especialmente mediante o eventual ingresso da equoterapia ao Sistema Único de Saúde, por meio Projeto de Lei N.º 3.446, de 2019, o que deve aumentar a oferta deste serviço, e conseqüentemente terá impactos sobre a sua procura, especialmente por um esperado aumento da popularidade deste modelo terapêutico, observada a tendência das últimas décadas (DOTTI, 2014)

Entretanto alguns pontos positivos da lei foram: inclusão obrigatória do veterinário nas equipes, o que pode fazer com que o cenário de produções acadêmicas siga um caminho diferente dos estudos internacionais avaliados durante esta pesquisa. Outro ponto foi que, apesar de não estabelecer quais critérios e condições sejam essas, a lei lida com a saúde do animal na perspectiva de que “O cavalo utilizado em equoterapia deve apresentar boa condição de saúde, ser submetido a inspeções veterinárias regulares e ser mantido em instalações apropriadas” (BRASIL, 2019, p. 1).

7. Considerações Finais

Em suma, verifiquei que há uma hegemonia nas produções acadêmicas levantadas que versem sobre as Intervenções Assistidas por Animais, no que concerne à área da Psicologia. Tal hegemonia apresenta determinadas compreensões naturalistas, e tem ocultado outros modos de trabalhar com as Intervenções Assistidas, como os exemplos de Nakajima (2017) e Artz e Davis (2017) demonstraram.

Porém, mais do que isso, no âmbito internacional os autores foram evidenciados como pouco preocupados, ou até mesmo alheios, às questões epistemológicas que fundamentam suas noções de bem-estar e saúde. O postura naturalista da maioria desses autores, apesar de não impedir que estes autores manifestam preocupações e cuidados com os animais envolvidos no processo, muitas vezes retiram o animal de foco.

Além da ocultação do animal, em detrimento de aspectos orgânicos e estatísticos, outros fenômenos escapam à percepção de um número considerável de autores. Especialmente o fenômeno do vínculo e a sua importância para a construções de novos modos de lidar com os animais envolvidos nas Intervenções de maneira a não objetificá-los, mas também de reconhecer suas vontades e necessidades, permitindo que este se coloque na relação, ao invés dos psicólogos voltarem toda a sua atenção e se aterem apenas dados gerados por testes hormonais ou escalas.

E, de um modo geral, se o conhecimento dos psicólogos-pesquisadores sobre os animais envolvidos nas Intervenções Assistidas por Animais está naturalizado, e isso conduz a problemáticas éticas, a mesma preocupação se estende para o desenvolvimento da prática profissional. Especialmente quando há um estímulo jurídico à prestação desse serviço, mas não preocupação expressa ou regulamentações sobre quais profissionais estariam aptos para este exercício profissional.

REFERÊNCIA

- ALES-BELLO, A. Mundo humano - mundo animal: uma interpretação do instinto em alguns manuscritos husserlianos tardios. In: **Paideia**. Springer, Dordrecht, 2000.
- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. **Manual de publicação da APA**. Porto Alegre: Penso Editora, 2012.
- ARTZ, B., DAVIS, D. B. Green care: A review of the benefits and potential of animal-assisted care farming globally and in rural America. **Animals**, v. 7, n. 4, p. 1-13, 2017.
- BACHI, K., PARISH-PLASS, N. Animal-assisted psychotherapy: A unique relational therapy for children and adolescents. **Clinical Child Psychology and Psychiatry**, v.22, n. 1, p. 2-8, 2017.
- BEETZ, A. M. Theories and possible processes of action in animal assisted interventions. **Applied developmental science**, v. 21, n. 2, p. 139-149, 2017.
- BELLETATO, L.; BANHATO, E. F. Transtorno De Ansiedade Social (Tas) Ou Fobia Social: Contribuições Da Terapia Assistida Por Animais (Taa). **CADERNOS DE PSICOLOGIA**, v. 1, n. 1, 2019.
- BORBA, J. M. P. A "**Salvação**" dos endividados: literatura de "autoajuda" financeira e subjetividade na hipermodernidade. 2011. Tese de doutorado (programa de Pós-graduação em Psicologia Social) – UERJ, Rio de Janeiro. 2011.
- BOSSARD, J. H. S. The mental hygiene of owning a dog. **Mental hygiene**, v. 28, p. 408-413, 1944.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei N.º 3.446**. Altera a Lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019, para incluir a equoterapia no âmbito do Sistema Único de Saúde. Brasília: Câmara dos Deputados, 2019.
- BRELSFORD, V. L., MEINTS, K., GEE, N. R., PFEFFER, K. Animal-Assisted Interventions in the Classroom—a systematic review. **International journal of environmental research and public health**, v. 14, n. 7, p. 1-33, 2017.
- CASTRO, T. G.; GOMES, W. B. Movimento fenomenológico: controvérsias e perspectivas na pesquisa psicológica. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília. Vol. 27, n. 2, p. 233-240. 2011.
- CHANDLER, C. K. Human-animal relational theory: A guide for animal-assisted counseling. **Journal of Creativity in Mental Health**, v. 13, n. 4, p. 429-444, 2018.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, 2014.
- CROSSMAN, M. K., KAZDIN, A. E. Perceptions of animal-assisted interventions: The influence of attitudes toward companion animals. **Journal of clinical psychology**, v. 74, n. 4, p. 566-578, 2018.
- DICÉ, F., SANTANIELLO, A., GERARDI, F., MENNA, L. F. Meeting the emotion! Application of the Federico II Model for pet therapy to an experience of Animal Assisted Education (AAE) in a primary school. **Pratiques psychologiques**, v. 23, n. 4, p. 455-463, 2017.
- DOTTI, J. **Terapia e animais**. São Paulo: Livrus, 2014.

FINE, A. H., BECK, A. M., ZENITHSON, N. G. The state of animal-assisted interventions: addressing the contemporary issues that will shape the future. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 20, p. 1-18, 2019.

FLYNN, E. et al. A randomized controlled trial of animal-assisted therapy as an adjunct to intensive family preservation services. **Child maltreatment**, v. 24, n. 2, p. 161-168, 2019.

GERMONE, M. M., GABRIELS R. L., GUÉRIN, N. A., PAN, Z., BANKS, T., O'HAIRE, M. E. Animal-assisted activity improves social behaviors in psychiatrically hospitalized youth with autism. **Autism**, v. 23, n. 7, p. 1740-1751, 2019.

GIULIANI, F.; JACQUEMETTAZ, M. Animal-assisted therapy used for anxiety disorders in patients with learning disabilities: An observational study. **European Journal of Integrative Medicine**, v. 14, p. 13-19, 2017.

GUIMARÃES, A. C. Aproximação aos conceitos básicos da fenomenologia. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**: Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2013.

HEDIGER, K., MEISSER, A., ZINSSTAG, J. A one health research framework for animal-assisted interventions. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 4, p. 1-6, 2019a.

HEDIGER, K., PETIGNAT, M., MARTI, R., GEORGIADIS, M. H. Animal-assisted therapy for patients in a minimally conscious state: A randomized two treatment multi-period crossover trial. **PloS one**, v. 14, n. 10, p. 1-12, 2019b.

HINES, L. M. Perspectivas históricas sobre o vínculo humano-animal. **American Behavioral Scientist**, 47 (1), 7-15, 2003.

HOLTTUM, S. Pets, animal-assisted therapy and social inclusion. **Mental Health and Social Inclusion**, v. 22, n. 2, p. 65-71, 2018.

HOSEY, M. M., JASKULSKI, J., WEGENER, S. T., CHLAN, L. L., NEEDHAM, D. M. Animal-assisted intervention in the ICU: a tool for humanization. **Critical Care**, v. 22, n. 22, p. 1-4, 2018.

HUSSERL, E. **Philosophy of arithmetic: Psychological and logical investigations with supplementary texts from 1887–1901** (Vol. 10). Springer Science & Business Media, 2012.

_____. **Filosofia Dell'Aritmetica** (1891). Milano: Studi Bonpiani, 2001.

_____. **Investigações Lógicas: prolegômenos** (1900). Rio de Janeiro: Forense, 2014.

_____. **A ideia da fenomenologia** (1906). Tradução Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70, 2000.

_____. **A filosofia como ciência de rigor** (1911). Lisboa: Atlântida, 1965.

_____. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura** (1913). Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

_____. **Introducción a la Ética** (1924). Madrid: Editorial Trotta, 2020.

_____. El Artículo Fenomenologia de da Enciclopédia Britânica (1927). In: **Invitácio a la**

fenomenologia. Paidós, Barcelona, 1992, p. 35-73.

_____. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia** (1931). São Paulo: Madras, 2001.

_____. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental** (1936). Rio de Janeiro: Forense, 2012.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF HUMAN-ANIMA INTERACTION ORGANIZATION (IAHAIO). **IAHAIO's Position Statement regarding Domestic Violence And Relate Animal Abuse**. 2018. Disponível em: <<https://iahaio.org/wp/wp-content/uploads/2018/06/iahaio-position-statement-regarding-domestic-violence-and-related-animal-abuse-final-2.pdf>>. Acesso em: 02 de Junho de 2020.

JAROLMEN, J.; PATEL, G. The effects of animal-assisted activities on college students before and after a final exam. **Journal of Creativity in Mental Health**, v. 13, n. 3, p. 264-274, 2018.

JEGATHEESAN, B. et al. **As definições da IAHAIO para intervenção assistida por animais e atividade assistida por animais e diretrizes para o bem-estar dos animais envolvidos**. 2018.

JONES, M. G., RICE, S. M., COTTON, S. M. Incorporating animal-assisted therapy in mental health treatments for adolescents: A systematic review of canine assisted psychotherapy. **PloS one**, v. 14, n. 1, p. 1-27, 2019.

JONES, M. Innovative Therapeutic Intervention for Children: Animal-assisted therapy in South Australia. **Childhood Education**, v. 94, n. 1, p. 50-54, 2018

KAZDIN, A. E. Strategies to improve the evidence base of animal-assisted interventions. **Applied developmental science**, v. 21, n. 2, p. 150-164, 2017.

KRUG, F. D. M. et al. Intervenções assistidas por animais em pacientes com transtornos mentais/Animal assisted interventions in patients with mental disorders. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 6, p. 4926-4936, 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. D. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEVINSON, B. M. O cão como "co-terapeuta". **Higiene Mental**. Nova York, 1962.

_____. Pet psychotherapy: use of household pets in the treatment of behavior disorder in childhood. **Psychological Reports**, 17(3), 695-698, 1965.

_____. **Pet-oriented Child Psychotherapy** (1969). 2. ed. Springfield: Charles Thomas Publisher, 1997.

_____. **Pets and human development**. Illinois: Charles C Thomas. 1972.

_____. Pets and personality development. **Psychological Reports**, 42(3_suppl), 1031-1038, 1978.

_____. Human/companion animal therapy. **Journal of Contemporary Psychotherapy**, 14(2), 131-144, 1984.

- LIMA, T. C. S. D.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, 2007.
- MALLON, G. P. A generous spirit: The work and life of Boris Levinson. **Anthrozoös**, 7(4), 224-231, 1994.
- MARQUES, M. I. D. et al. Eficácia de intervenções assistidas por animais na prevenção da violência de doentes psiquiátricos agudos hospitalizados. **Rev. Enf. Ref.**, Coimbra, v. ser IV, n. 5, p. 47-56, jun. 2015.
- MARTINS, R. C. et al. Efeitos da associação da Terapia Assistida por Animais com o tratamento fisioterápico na funcionalidade e humor de indivíduos com demência. **Fisioterapia Brasil**, v. 20, n. 1, p. 119-130, 2019.
- MCCULLOUGH, A. et al. Physiological and behavioral effects of animal-assisted interventions on therapy dogs in pediatric oncology settings. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 200, p. 86-95, 2018.
- MCCUNE, S., ESPOSITO, L., GRIFFIN, J. A. Introduction to a thematic series on animal assisted interventions in special Populations. **Applied Developmental Science**, v. 21, n. 2, p. 136-138, 2017.
- MENNA, L. F., SANTANIELLO, A., TODISCO, M., AMATO, A. The Human–Animal relationship as the focus of Animal-Assisted Interventions: A one health approach. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 19, p. 1-10, 2019.
- MUCKLE, J., LASIKIEWICZ, N. An exploration of the benefits of animal-assisted activities in undergraduate students in Singapore. **Asian Journal of Social Psychology**, v. 20, n. 2, p. 75-84, 2017.
- MUELA, A., AZPIROZ, J., CALZADA, N., SOROA, G., ARITZETA, A. Leaving a mark, an animal-assisted intervention programme for children who have been exposed to gender-based violence: A pilot study. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 21, p. 1-12, 2019.
- MUELA, A., BALLUERKA, N., AMIANO, N., CALDENTEY, M. A., ALIRI, J. Animal-assisted psychotherapy for young people with behavioural problems in residential care. **Clinical psychology & psychotherapy**, v. 24, n. 6, p. 1-10, 2017.
- NAGEL, T. Como é ser um morcego? (1974). **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, 19(1), 109-115, 2013.
- NAKAJIMA, Y. Comparing the effect of Animal-Rearing education in Japan with Conventional Animal-Assisted education. **Frontiers in veterinary science**, v. 4, p. 1-15, 2017.
- NOBRE, M. O. et al. Projeto pet terapia: intervenções assistidas por animais-uma prática para o benefício da saúde e educação humana. **Expressa Extensão**, v. 22, n. 1, p. 78-89, 2017.
- NOGUEIRA, M. T. D. et al. Terapia Assistida Por Animais Como Estratégia Pedagógica Para Crianças Que Apresentam O Transtorno Do Espectro Autista. **Revista GepesVida**, v. 5, n. 13, 2019.
- OWENBY, B. E. The potential of animal-assisted therapy within the supervisory alliance. **Journal of Creativity in Mental Health**, v. 12, n. 1, p. 146-159, 2017.

PENDRY, P., KUZARA, S., GEE, N. R. Evaluation of undergraduate students' responsiveness to a 4-week university-based animal-assisted stress prevention program. **International journal of environmental research and public health**, v. 16, n. 18, p. 1-16, 2019.

PENDRY, P., VANDAGRIFF, J. L., CARR, A. M. Clinical depression moderates effects of animal-assisted stress prevention program on college students' emotion. **Journal of Public Mental Health**, v. 18, n. 2, p. 94-101, 2019.

PEREIRA, V. R. **Intervenções Assistidas por Animais com crianças em contextos de vulnerabilidade social: utilizando o método photovoice**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

PET PARTNERS. **Annual Report**. 2017. Disponível em: <https://petpartners.org/wp-content/uploads/2018/07/petpartners_2017_annual-report-F_web.pdf>. Acesso em: 02 de Junho de 2020.

ROCHA, C. F. P. G.; MUÑOZ, P. O. L.; ROMA, R. P. S. História do Relacionamento entre animais humanos e não humanos e da TAA. In: **Terapia Assistida Por Animais**. São Paulo: Editora Manole Ltda, 2016.

SABADINI, A. A. Z. P.; SAMPAIO, M. I. C.; KOLLER, S. H. **Publicar em psicologia: um enfoque para a revista científica**. 2009.

SCHMITZ, A., BEERMANN, M., MACKENZIE, C. R., FETZ, K., QUACH, C. S. Animal-assisted therapy at a University Centre for Palliative Medicine—a qualitative content analysis of patient records. **BMC palliative care**, v. 16, n. 1, p. 1-13, 2017.

SHANI, L. Animal-assisted dyadic therapy: A therapy model promoting development of the reflective function in the parent–child bond. **Clinical child psychology and psychiatry**, v. 22, n. 1, p. 46-58, 2017.

SHEN, R. Z. Z. et al “We need them as much as they need us”: A systematic review of the qualitative evidence for possible mechanisms of effectiveness of animal-assisted intervention (AAI). **Complementary therapies in medicine**, v. 41, p. 203-207, 2018.

SILVA, A. C. P. **Efeito das Intervenções Assistidas por Animais na ativação de emoções positivas em idosos institucionalizados**. 2018. Tese de Doutorado (Mestrado em Gerontologia) – Escola Superior de Educação, Coimbra.

SILVA, L. V. C. **Diálogos entre as intervenções assistidas por animais – IAA’S e a psicopatologia fenomenológica: possibilidades clínicas de intervenção em Psicologia**. 2019. 146 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia/CCH) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

SILVA, N. B.; OSÓRIO, F. L. Impact of an animal-assisted therapy programme on physiological and psychosocial variables of paediatric oncology patients. **PLoS One**, v. 13, n. 4, p. 1-15, 2018.

SINGER, P. **Libertação Animal (1975)**. Tradução Marly Winckler, Marcelo B. Cipolla. Revisão técnica Rita Paixão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

TOURINHO, C. D. C. A consciência e o mundo na fenomenologia de Husserl: influxos e impactos sobre as ciências humanas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 852-866, 2012.

TOURNIER, I., VIVES, M. F., POSTAL, V. Animal-assisted intervention in dementia. **Swiss Journal of Psychology**, v. 76, n. 2, p. 51-58, 2017.

TREVISAM, E.; JUNIOR, J. C. Princípios Ruggie E A Proteção De Direitos Humanos Dos Seres Não Humanos. **Relações Internacionais no Mundo Atual**, 1(26), 109-121, 2020.

ULIANA, R. S.; CUNHA, M. C. Intervenções Assistidas por Animais na expressão psíquica de Deficientes Intelectuais Adultos (IAA e Deficiência intelectual). **Distúrbios da Comunicação**, 32(1), 114-123, 2020.

WAITE, T. C., HAMILTON, L., O'BRIEN, W. A meta-analysis of Animal Assisted Interventions targeting pain, anxiety and distress in medical settings. **Complementary therapies in clinical practice**, v. 33, p. 49-55, 2018.

WANSER, S. H., UDELL, M. A. R. Does attachment security to a human handler influence the behavior of dogs who engage in animal assisted activities? **Applied Animal Behaviour Science**, v. 210, p. 88-94, 2019.

YAMAMOTO, K. C. M. et al. Avaliação fisiológica e comportamental de cães utilizados em terapia assistida por animais (TAA). **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, p. 568-576, 2012.

ZILCHA-MANO, S. Resolution of alliance ruptures: The special case of animal-assisted psychotherapy. **Clinical Child Psychology and Psychiatry**, v. 22, n. 1, p. 34-45, 2017.

Recebido em: 01/04/2022

Aceito em: 23/07/2022

Endereço para correspondência

Nome: Felipe Fook Bastos

E-mail: felipe.fook.b@gmail.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)